Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

ESCANDALOSAS NEGOCIATAS DOS GOVERNANTES

Que os atuais governantes brasileiros são corruptos jamais restou a menor sombra de dúvidas. Nunca na história do Brasil se roubou tanto os dinheiros públicos como atualmente, sob o regime dos militares. Os fatos se acumulam e alguns acabam sendo conhecidos.

São notórias as negociatas realizadas pelo ministro dos Transportes na execução de obras públicas. Principal coordenador da "caixinha" à época de Costa e Silva, o coronel Andreazza, continua tendo as mesmas funções sob a administração Médici. Os escândalos na construção da Ponte Rio-Niterói são bastante recentes. Também o general-presidente se envolve diretamente em negócios escusos, como o da compra da fazenda Santa Rita, no Rio Grande do Sul, há pouco tempo denunciado.

Estoura, agora, um novo escândalo. Nele estão envolvidos não só o general Médici como o corrupto governador de São Paulo. A decisão de Garrastazu, por recomendação do Conselho de Segurança Nacional e ouvidos os ministros do Planejamento, da Fazenda e outros, de incorporar a VASP à Sadia vem provocando verdadeira onda de protestos que rompe até mesmo a barreira da censura à imprensa e repercute nos diferentes setores da opinião pública, provocando justificada revolta contra os militares no Poder. Muita gente se pergunta: como é possível uma pequena empresa privada, à beira da falência, com capital e patrimônio reduzidos, incorporar uma empresa de aviação em boa situação econômico-financeira e com um patrimônio muitas vezes maior que o da incorporadora? O apoio à medida, por parte do governo de São Paulo, no entanto, é compreensível. Laudo Natel é e sempre foi ligadíssimo ao Banco Brasileiro de Descontos — Bradesco — grupo bancário que garantirá à Sadia a posição majoritária na nova companhia que surgirá da fusão com a empresa estatal.

A decisão de Garrastazu não objetiva a melhoria dos serviços de transportes aéreos. Só tem um nome: negociata suja que só trará benefícios ao próprio general-presidente e seus apaniguados.

Esta negociata em curso é a mais recente, mas não a última em que se envolvem os governantes. A polêmica pública entre o general Juracy Magalhães, ex-embaixador em Washington e ex-ministro do Exterior da ditadura militar, e o sr. Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia escolhido por Médici, revela novos fatos. Ao defender-se de ataques do general-empresário, o governador baiano enviou uma carta aos jornais, na qual afirma: "Em verdade, o motivo da irritação do sr. Juracy Magalhães foi provocado por haver sua senhoria tratado comigo assunto do interêsse da Petroquímica União". Depois de citar fatos, pessoas e locais, continuou: "Ericsson, Petroquímica União, Sanbra, Cisper, Carlsberg, grupo Monteiro Aranha e outras tantas, que não me recordo agora, são empresas a que está ligado o sr. Juracy Magalhães e lhe devem exigir, senão trabalho, pelo menos presença na hora própria. É difícil servir a muitos, mas é impossível não se formar patrimônio 'trabalhando' tanto" (O Estado de São Paulo — 10/8/71). Respondendo ao governador da Bahia, Juracy Magalhães con -

(Conclui na página seguinte)

Neste Número:

Nº 57 Setembro de 1971 Ano VIII

ORÇAMENTO DE GUERRA E REPRESSÃO

O projeto de orçamento para 1971/72 enviado pelo ditador Médici ao Congresso é bem uma demonstração dos objetivos da política governamental. Um quarto das despesas estão diretamente relacionadas com os ministérios militares. Exército (o que dispõe das verbas mais vultosas), Marinha e Aeronáutica terão à sua disposição mais de 6 bilhões e meio de cruzeiros em verbas orçamentárias, sem contar os créditos extraordinários, que normalmente sao abertos durante o ano, e os fundos de investimentos contidos no orçamento-perspectiva.

Essas dotações são as que, abertamente, se destinam à repressão. Outras são incluídas disfarçadamente no orçamento. Verbas destinadas ao ministério da Justiça, a quem está subordinado o Departamento de Polícia Federal, são dirigidas, também, ao aperfeiçoamento e manutenção do aparelho repressivo da ditadura. O Ministério dos Transportes é o que terá, individualmente, as maiores verbas (mais de 6 bilhões de cruzeiros). É sabido que a preocupação fundamental deste ministério, além de ser o instrumento para captação do dinheiro de empreiteiras para a "caixinha", é a construção de obras de infra-estrutura, em sua maioria relacionadas com a política de segurança do govêrno. Também boa parte das verbas do Ministério das Comunicações se relacionam, direta ou indiretamente, com a repressão governamental às lutas populares.

Como se constata, são fabulosas as somas que os governantes empregam para reprimir o povo. Isso tudo sem contar os milhões e milhões de cruzeiros atribuídos ao Serviço Nacional de Informações e outros órgãos de espionagem que não estão incluídos nos documentos oficiais e dos quais o governo nao presta contas a ninguém.

Direta ou indiretamente, mais da metade do orçamento está dedicado à repressão e à preparação guerreira. Enquanto isso, caem verticalmente as verbas para a educação e a saúde públicas. A educação e a cultura, por exemplo, tem dotações que atingem pouco mais da metade das que são distribuídas ao Ministério do Exército. As do Ministério da Saúde não alcançam nem 15% destas.

<u>Escandalosas</u> <u>Negociatas</u> <u>dos</u> <u>Governantes</u> (Continuação da primeira página)

firmou que, depois de servir 37 anos ao país, tem direito de formar pecúlio para sua família e garantir sua velhice que se aproxima. Seus inúmeros patrões — segundo êle — estão satisfeitíssimos com seu trabalho... Pudera!

O antigo secretário particular de Juracy não quis citar tôdas as emprêsas a que está ligado seu antigo protetor. Mas êle "trabalha", também, como diretor da Mercedes Benz, como presidente da "Deltec" (do grupo Rockefeller), entre outras. Como se vê, seu pecúlio familiar e a garantia de uma velhice tranqüila estão sendo criados à custa de dólares, de coroas dinamarquesas, de marcos alemães e até mesmo... de nosso cruzeirinho. Por seu lado, o governador Antônio Carlos Magalhães já havia confessado, há pouco tempo, que tanto êle como o ex-governador Luís Viana Filho, haviam enriquecido através de "operações felizes" na Bolsa de Valores.

Não fica nisso a corrupção dos governantes. O senador arenista pelo Amazonas, José Esteves, responde a processo por corrupção. Em troca da liberação de verbas no ministério da Educação, o político nortista trazia merdadorias da zona franca de Manaus para presentear seus amigos daquela e de outras repartições públicas. Eis alguns dos contemplados com rádios de pilha, aparelhos eletrodomésticos e até calças "Lee" americanas, segundo o senador, que não se recorda de todos os nomes: o então deputado Rondon Pacheco, líder do governo na Câmara e presidente da Arena, atualmente governador de Minas Gerais por imposição do general Médici, e o deputado Geraldo Freire, conhecido integralista e atual líder governista na Câmara. Como não poderia deixar de ser, também militares estão entre os presenteados do senador Esteves. Destaca-se o coronel Eduardo Casares.

Os continuados pronunciamentos dos militares contra a corrupção nada mais representam que uma cortina de fumaça para esconder as escusas transações que se realizam nos arraiais da ditadura. A cada dia, novos fatos vêm se juntar ao já longo rosário de negociatas dos governantes. O povo vai tomando consciência de que é preciso liquidar o regime atual para se livrar, definitivamente, da corrupção e das causas que a engendram.

COMENTÁRIO NACIONAL

CONQUISTAR A VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA

Há 149 anos foi proclamada a independência política do Brasil do jugo colonial português. Embora tivesse sido proclamada sua soberania nacional e estatal, o certo é que o Brasil até hoje não alcançou sua emancipação efetiva, principalmente sua independência econômica. O domínio de Portugal foi substituído pelo da Inglaterra, naquela época a nação mais poderosa do mundo. As classes dominantes brasileiras abafaram sangrentamente as lutas populares e apenas trocaram de senhores. Desde então, sob as mais variadas formas, o povo brasileiro vem sendo espoliado pelos monopólios capitalistas estrangeiros. E hoje, encontra-se ameaçado novamente de ser transformado numa colônia de nôvo tipo pelo imperialismo norte-americano, o mais feroz inimigo dos povos de todo o mundo.

Ao celebrar-se a data da Independência, cada patriota sente mais agudamente o quanto se tornou grave o domínio dos trustes ianques sôbre o país. Esta situação piorou após o golpe de 1964, quando os militares no Poder permitiram praticamente o avassalamento da vida econômica, política, administrativa, militar e cultural do Brasil por parte do imperialismo dos EEUU. Nunca foi tão cínica e brutal a espoliação exercida pelos monopolistas norte-americanos sôbre a economia nacional. As riquezas do solo e do sub-solo são entregues a preços vis aos tubarões ianques. O fruto do trabalho do povo brasileiro serve para encher as arcas dos miliardários americanos. Ao colocarem as Fôrças Armadas do Brasil a seu serviço, os dirigentes de Washington estão executando seu plano de recolonização do país e procurando utilizá-las como fôrça de choque contra-revolucionária não só contra o povo brasileiro como também contra os demais povos da América Latina. Os imperialistas ianques constituíram, no Brasil, através de suas missões, assessorias e agentes, uma verdadeira super-estrutura política que se superpõe, em muitos casos, à própria administração nacional. É o processo de neocolonização do país, pôsto em prática a todo vapor, sob o regime dos militares.

A ditadura militar, a pretexto de comemorar a data e tentando iludir o povo, procura apresentar-se como defensora da soberania nacional. Lança em profusão lemas patrioteiros, difundidos amplamente por todos os meios de divulgação. A vida, contudo, demonstra que o Brasil só se mantém na condição de país dependente e sob a ameaça de transformar-se numa nova colônia ianque em virtude da posição traidora dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos monopólios estadunidenses. São precisamente as classes dirigentes exploradoras que proporcionam a penetração e sustentam o domínio dos velhos e novos colonialistas em nosso país. E, como representante e servidora fiel dessas classes, a ditadura militar fascista, na atualidade, também se apoia nos imperialistas ianques e a êles serve.

A luta pela independência nacional do jugo do imperialismo norte-americano está, assim, estreitamente vinculada à batalha pela derrubada da ditadura militar, pela conquista das liberdades democráticas, pela participação ativa das massas populares na defesa da soberania nacional, pelo progresso do país e a obtenção de sua efetiva emancipação econômica.

A breve história do Brasil tem conhecido colonizadores e opressores de vários tipos e de ferocidade mais ou menos semelhante. Entretanto, as massas populares nunca deixaram de lutar contra êles e de colocar bem alto seu sentimento em favor da democracia e da independência nacional. Médici e seus comparsas podem festejar o aniversário da Independência confraternizando com os novos e com os antigos colonizadores. O povo brasileiro, porém, continuará fiel às suas tradições revolucionárias, ao espírito emancipacionista dos Inconfidentes Mineiros e de tantos outros patriotas, saberá unir-se para alcançar seu grande e histórico objetivo — a verdadeira libertação nacional através da expulsão dos imperialistas norte-americanos e da derrubada de todos os seus lacaios internos.

MAIORIA DOS TRABALHADORES RECEBE SALÁRIO DE FOME

Os arautos da ditadura e até ministros de Estado, logo que foram publicados os primeiros resultados do Censo de 1970, se apressaram em elogiar os resultados de sua política: o nível médio de vida do brasileiro crescera, nos últimos 10 anos, asseveraram. No entanto, os dados sôbre a remuneração dos trabalhadores põe por terra a tentativa do provar que o nível de vida do povo melhorara. Dos 30 milhões de pessoas econômicamente ativas, 10 milhões recebiam menos de 100 cruzeiros mensais, quante. Doze por cento, de 100 a 150 e 15% entre 150 e 200 cruzeiros, ou seja, em tôrno do salário mínimo. Na agricultura a situação é mais grave ainda. Dois terços recebiam 100 cruzeiros mensais e haviam 2,7 milhões de pessoas que não ganhavam nada.

Nestas condições cai no descrétito a veracidade das afirmativas oficiais sôbre o nível médio de vida, sobretudo quando se sabe que o custo das utilidades dá saltos enormes, tornando cada vez mais bai

CONTINUAM LUTANDO OS ESTUDANTES

Estudantes e professôres do colégio André Maurois, na Guanabara, logo no início das aulas, foram surpreendidos com uma medida tomada pelo govêrno estadual, por determinação direta da administração federal: estava demitida a diretora do educandário. Esta se recusara, publicamente, a delatar alunos, como exige a nova lei contra tóxicos. A revolta não se fez esperar. Alunos e professôres, apoiados pelos familiares, ex-alunos e outras pessoas, desencadearam forte campanha, indo inclusive às ruas, contra a decisão arbitrária e ilegal de Chagas Freitas. Durante vários dias, os estudantes não compareceram às aulas, protestando contra a demissão de sua diretora e a nomeação de um nôvo diretor, que se declarou, desde o início de sua gestão, um "disciplinador".

Comensais do restaurante do CRUSP, em São Paulo, vêm conduzindo ampla luta contra o aumento do preço das refeições. Greves, concentrações, pic-nics e outras formas de protesto são utilizadas. Os universitários, dessa forma, não se deixaram intimidar pelas ameaças do reitor integralista, Miguel Reale, que procurou apresentar o movimento como de "contestação" ao regime.

Um mês depois de recomeçadas as aulas, o movimento estudantil demonstra que prossegue na tendência iniciada em 1970 de retomada das lutas de massas. O curto período transcorrido nesse segundo semestre letivo testemunha uma série de mobilizações, em vários Estados, em tôrno de reivindicações concretas, como a supressão da cobrança das anuidades e taxas nas escolas públicas; contra os aumentos abusivos nas escolas particulares e a elevação escandalosa do preço das refeições nos restaurantes universitários; pela concessão de verbas federais que atendam às necessidades do ensino; em protesto face às prisões e à perseguição de alunos e professôres e contra a intromissão dos militares na vida escolar; contra a aplicação da reforma educacional reacionária e pró-imperialista e a favor de programas que defendam a cultura nacional.

Ora levantando bandeiras nitidamente políticas, como a da luta contra a pena de morte, ora reivindicações específicas, o movimento estudantil avança. As mobilizações envolvem um número crescente de estudantes, alcançam uma freqüência cada vez maior e se alternam abarcando progressivamente diversos pontos do país. Nesse processo, as massas fustigam a ditadura, alcançam vitórias parciais, acumulam experiências de luta, adquirem confiança nas próprias fôrças e se organizam para batalhas maiores.

Face às lutas, a repressão se intensifica. As prisões de estudantes e de professôres prosseguem como atos de rotina. A despeito das declarações bombásticas do coronel Passarinho, as entidades estudantis permanecem impedidas de funcionar livremente. Continua em vigor o decreto 477, que é usado ora como ameaça e fator de intimidação, ora para excluir inapelavelmente alunos e professôres da vida escolar. Recentemente, a intervenção militar em dois colégios da Guanabara, "para manter a ordem", mostrou o clima de terror reinante nas escolas secundárias, principalmente naquelas que têm tradição de luta. As atividades escolares, em geral, vivem sob um contrôle policial permanente e sistemático. O fato é que os militares não afrouxam o mínimo que seja a repressão sôbre os estudantes. Não conseguem ocultar o seu pavor diante da perspectiva de um nôvo ascenso do movimento estudantil, de que o anseio de liberdade e a insatisfação generalizada da juventude estudiosa estourem em ações de massa e luta aberta contra o regime.

Os militares vêm procurando aplicar uma política repressiva de caráter seletivo. Temem que, como em ocasiões anteriores, a violência policial sem freios e sem limites provoque o furor e o levante geral das massas. Sua tática consiste em disseminar o terror e o mêdo entre a massa estudantil. Usam, paralelamente, formas as mais diversas a fim de dividí-la, assim como procuram isolar os estudantes mais combativos para contra êles concentrar a repressão imediata. Mas, com a incorporação de setores relativamente amplos das massas estudantis às lutas, a ditadura sente dificuldades em reprimí-las.

Impõe-se, assim, adodoção de uma tática ampla. Levantar bandeiras justas e sentidas da grande massa e utilizar formas de luta e de organização que possibilitem mobilizar a maioria dos estudantes; unir esforços com professôres, funcionários, intelectuais, artistas, familiares, religiosos, etc. ; criar condições que dificultem, de início, a repressão policial e tornem favoráveis as circunstâncias para as campanhas se espraiarem e se aprofundarem entre a massa. Ao mesmo tempo, atuar com vigilância, preparar bem as lutas e organizar o movimento estudantil de modo a que suas ações tenham continuidade, usando e combinando as formas legais e ilegais de luta e de organização.

A adoção de uma tática ampla é garantia para que o movimento estudantil continue avançando no caminho do seu fortalecimento e desenvolva sua luta contra a ditadura e o imperialismo.

PANORAMA INTERNACIONAL

OUTRO GOLPE NA BOLÍVIA

Mais um golpe militar acaba de ser realizado na Bolívia. Vanguardeados pelo Regimento Rangers, criado e dirigido pela CIA, os militares bolivianos puseram abaixo o govêrno do general Juan Torres, assassinaram centenas de patriotas, encheram as prisoes com milhares de trabalhadores, estudantes e intelectuais e implantaram no país um regime de puro arbítrio e violência contra o povo.

Os acontecimentos da Bolívia são sintomas bem reveladores da grave crise política e social por que passam os países latino-americanos. Os povos do Continente exigem medidas de fundo, revolucionárias, para se livrar da fome, da miséria e da exploração dos imperialistas estrangeiros e das oligarquias nativas. O govêrno Torres, embora se declarasse "nacionalista e revolucionário", em nove meses de poder nada fêz para mudar o panorama do país. O aparelho de Estado não sofreu alterações. Os imperialistas estrangeiros, particularmente os norte-americanos, e os grandes capitalistas continuaram detendo, no essencial, as posições que ocupavam antes de outubro de 1970. As fôrças armadas, peça decisiva dêsse aparelho de Estado, permaneceram intactas. O govêrno do general Torres, ora adotando algumas posições democráticas, ora fazendo concessões aos reacionários do país e do exterior, mostrou-se incapaz de dar solução efetiva aos grandes problemas que afligem o povo boliviano.

Os imperialistas dos EEUU e os militares reacionários do Brasil e da Argentina, principalmente, demonstravam viva inquietação com a situação boliviana. Empregando a dupla tática contra-revolucionária da violência e do engôdo, públicamente fingiam reconhecer o govêrno Torres e até demonstravam propósitos de "ajudá-lo", enquanto preparavam, junto com as fôrças reacionárias internas, a sua derrubada. Os monopolistas ianques e seus lacaios na América Latina não estão dispostos a permitir que as massas populares gozem de franquias democráticas e tomem iniciativas revolucionárias. Chegado o momento, reprimem pelas armas as massas populares que querem se libertar da exploração e da opressão.

A vida comprova que, se os povos não tomam em suas mãos o seu próprio destino, é impossível qualquer vitória importante, muito menos transformações revolucionárias, radicais. O presidente boliviano não se cansava de afirmar que o povo boliviano podia confiar nas Fôrças Armadas. Estas eram — segundo êle — a "vanguarda do povo". Ao mesmo tempo, sistematicamente, negava-se a atender aos reclamos dos operários, camponeses e estudantes para armar o povo e criar as milícias populares. No entanto, foram precisamente essas fôrças armadas que derrubaram Torres. A prática mostrou, mais uma vez, que se as massas quiserem conquistar uma vida livre e feliz terão que destruir, de modo completo, o aparelho coercitivo do Estado das classes dominantes, em primeiro lugar as fôrças armadas reacionárias. Como assinalou o artigo "Soluções Ilusórias" (A Classe Operária — janeiro de 1971), "... uma autentica revolução leva ao Poder o povo e não os militares que constituem a cúpula da máquina de repressão manejada pelas fôrças reacionárias ou um presidente que se encontra na dependência dêsses generais. Uma autentica revolução forja o seu próprio exército, inteiramente diverso do exército que atualmente existe. Sua base é o povo armado e sua tarefa precípua é destruir o velho Poder das classes dominantes e garantir que o novo Poder surgido com a revolução se mantenha nas mãos das massas".

A correta direção das lutas populares é condição essencial para a vitória da revolução. Enquanto a reação procurou se unir, as massas populares bolivianas enfrentaram sérias divergências em seu próprio seio. Apesar dos marxistas-leninistas desenvolverem esforços para dirigir as lutas do povo no justo caminho revolucionário e para prepará-las para enfrentar o inimigo em qualquer terreno, outras correntes políticas, com suas atitudes oportunistas de direita ou de "esquerda", socavavam êsse objetivo e obstaculizavam a unidade. De um lado, os revisionistas semearam ilusões entre o povo sôbre o caminho pacífico da revolução e apoiaram, incondicionalmente, o govêrno militar. E de outro, os trotsquiquistas, que também sustentavam o general Torres, dividiam as fôrças populares ao preconizarem a "revolução socialista imediata", afastando da frente única correntes que poderiam ser ganhas ou neutralizadas, na atual etapa da revolução boliviana.

O contentamento da reação com o atual estado de coisas na Bolívia não durará muito. O governo do coronel Hugo Banzer, sustentado pelo imperialismo ianque e os reacionários do exterior, não conta com simpatias entre o povo e se apoia internamente em fôrças políticas heterogêneas, cujas divergências têm raízes muito antigas.

O povo boliviano, fogueado no curso dos combates, e vivendo sua própria experiência, saberá travar uma luta revolucionária conseqüente contra seus opressores e exploradores e conquistar um nôvo poder que garanta seus direitos econômicos, políticos e sociais.

MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

COMUNISTAS ALBANESES PREPARAM CONGRESSO

Em meio a grande entusiasmo popular, os comunistas albaneses prosseguem na preparação do VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia. O CC aprovou as linhas gerais do 5º Plano Qüinqüenal que durante mais de dois meses foi debatido nas fábricas e empresas, nas cooperativas e nas escolas, nos quartéis e nos bairros de moradia. O povo albanês, estreitamente ligado a seu Partido, dá sua contribuição à elaboração da política que objetiva transformar a R.P. da Albânia de um país agrário-industrial em industrial-agrário. Baseados nos formidáveis êxitos conquistados no cumprimento do 4º Plano Qüinqüenal, os albaneses, segundo o novo plano em discussão, visam alcançar uma elevação de 70/75% na produção industrial, 60/65% na agricultura e o incremento da renda nacional em 55/60% em relação a 1970. A Albânia entra na fase da construção integral da sociedade socialista em todos os domínios: econômico, cultural, político, ideológico. Apoiando-se fundamentalmente em suas próprias forças, os trabalhadores das cidades e do campo, a intelectualidade socialista, obtêm vitórias jamais sonhadas por qualquer povo que vive sob o domínio do capitalismo ou do revisionismo. Processa-se a revolucionarização da vida política do país, cresce o papel da classe operária no aparelho de Estado, reforçando-se a ditadura do proletariado. A cultura e a educação atingem novos níveis. Cria-se o nôvo homem socialista numa luta sem quartel contra os preconceitos do passado, contra as reminiscências do feudalismo e do capitalismo, homem livre do egoísmo, inteiramente dedicado ao bem da coletividade e da revolução albanesa e mundial. Fortalecem-se incessantemente as barreiras ao retôrno do capitalismo, consolidam-se as concepções proletárias.

Os êxitos do povo albanês se devem, em primeiro lugar, à correta linha política do Partido dos comunistas, encabeçado por seu provado Comitê Central marxista-leninista, dirigido pelo camarada Enver Hodja. O VI Congresso do PTA, a realizar-se em novembro, quando se comemora o 30º aniversário de criação do Partido, adquire enorme importância não só para os comunistas e o povo albaneses como também para os revolucionários de todos os países. Pela experiência política e sagacidade na condução da luta revolucionária, pela firmeza de princípios que sempre demonstrou na luta contra o imperialismo e o revisionismo contemporâneo, o PTA granjeou o apoio e o respeito dos marxistas-leninistas e dos revolucionários de todo o mundo. As novas contribuições que dará ao desenvolvimento da teoria do proletariado no seu VI Congresso são, por isso, aguardadas com ansiedade por todos os que se empenham na luta pela independência nacional e social de seus povos, em primeiro lugar, pelos comunistas.

AVANÇA O MOVIMENTO MARXISTA-LENINISTA NA AMÉRICA LATINA

Os partidos, organizações e grupos marxistas-leninistas constituídos nos diversos países latino-americanos crescem e se fortalecem em acirrada luta contra o revisionismo contemporâneo e as idéias fidelistas. A constituição de partidos verdadeiramente revolucionários é condição indispensável para resolver, de forma radical, a crise política, econômica e social que varre cada uma das nações do Continente. Agiram corretamente os comunistas brasileiros que se mantiveram fiéis ao marxismo-leninismo quando romperam radicalmente com os revisionistas prestistas e reorganizaram o PC do Brasil, em 1962. Merecem aplausos os comunistas colombianos que, sob a direção de Pedro Vasques e de outros camaradas, apoiados em organizações partidárias locais, reconstituíram o PC (marxista-leninista) da Colombia que tantos êxitos vem colhendo na luta revolucionária. Vitórias significativas vem obtendo os Partidos Comunistas da Bolívia, do Peru e do Equador desde que expulsaram de suas fileiras os dirigentes revisionistas, traidores da causa do proletariado. O Partido Comunista Revolucionário do Chile cresce e aumenta suas ligações com as massas populares. Agrupados na Vanguardia Comunista, os revolucionários proletários da Argentina convocaram o Congresso para constituir o Partido dos comunistas e já dirigem importantes lutas da classe operária, participam de batalhas estudantis e estendem sua influencia ao campo. Os revolucionários uruguaios se esforçam para criar a vanguarda da classe operária. Grupos e organizações marxistas-leninistas se constituem na República Dominicana, em Costa Rica, no Haiti e noutros países, enquanto em muitos partidos comunistas tradicionais se trava aguda luta ideológica entre as concepções proletárias e as que a elas se opõem. Sob as mais variadas formas, avança e se organiza o novo movimento marxista-leninista nos países latino-americanos, enquanto os partidos revisionistas sofrem derrotas políticas e ideológicas e perdem posições.

Há diversidade de condições de um país latino-americano para outro. Cada partido elabora independentemente sua própria orientação de acordo com as leis gerais da revolução e as condições concretas de seu país. É responsável ante seu próprio povo e ante o nôvo movimento comunista mundial por seus êxitos e fracassos. A luta revolucionária contra o imperialismo e a reação, o combate comum ao revisionismo e a outras concepções não-proletárias, tornam indispensável o estreitamento das relações fraternais entre os agrupamentos dos combatentes de vanguarda do Continente, à base do marxismo-leninismo e do internaciona

REVISIONISTA E CALUNIADOR

O revisionismo contemporâneo está enfrentando aguda crise, tanto em escala mundial como no Brasil. No entanto, apesar dos duros golpes que tem sofrido, tem raízes sociais e procura desesperadamente saídas para sobreviver. Por isso mesmo, a luta contra o revisionismo não pode arrefecer por um só instante. Suas teses precisam ser desmascaradas sem piedade. Constitui um dever ineludível dos marxistas-leninistas travar a luta sem quartel contra o revisionismo contemporâneo, responder uma por uma todas as suas opiniões e batalhar sem descanso pela predominância das posições revolucionárias. Apesar de que só recentemente foi publicado na imprensa revisionista o discurso pronunciado por Luís Carlos Prestes no Congresso do PCUS, em abril do corrente ano, torna-se necessário dar-lhe resposta.

Mais uma vez, o chefe do revisionismo brasileiro alinhou, naquela oportunidade, desbragados elogios aos dirigentes soviéticos, tímidas tentativas de justificar o fracasso de sua orientação política e ataques e calúnias aos marxistas-leninistas. Com o caradurismo que lhe é peculiar, Prestes asseverou no ajuntamento de Moscou que sua organização vem travando dura luta ideológica contra o oportunismo de direita e o "esquerdismo" aventureiro e que graças a essa luta vem fazendo prevalecer, a orientação que, "pouco a pouco", ganha terreno em nosso país": "...a tarefa tática das fôrças de oposição à ditadura consiste atualmente em se unirem e se organizarem, em impulsionarem e elevarem a um nível cada vez mais combativo as lutas das massas populares para derrotar a ditadura e fazer chegar ao Poder um govêrno representativo dessas fôrças, que assegure as liberdades". Note-se que Prestes tem o cuidado de não falar em <u>derrubar</u> a ditadura, mas apenas em <u>derrotar</u> a ditadura. O objetivo de tal "tática" é atrair para a frente única setores militares reacionários (afirmam os prestistas que crescem as fôrças nacionalistas dentro do Exército), que só divergem dos atuais ocupantes do Poder quanto aos métodos de dominação. E, nestas condições, não estariam dispostos a derrubar a ditadura, mas apenas tomar o lugar daqueles que hoje gozam as vantagens do Poder. Os seguidores de Prestes consideram que tais elementos, sozinhos, não estão em condições de dar um golpe militar, mas, apoiados na massa poderiam substituir os atuais governantes. É precisamente para êste fim, dar base popular a um golpe militar, que Prestes se orienta. Golpe que contaria, também, com o apoio de políticos reacionários da oposição consentida e até daqueles que, partidários dos golpistas e até participantes de governos militares anteriores ao de Garrastazu Médici, têm diferenças secundárias com o grupo dominante atual. E a "habilidade" prestista vai mais longe: quer derrotar só os que considera fascistas no govêrno e tem ressaltado a necessidade de apoiar os que considera "nacionalistas" e "anti-fascistas"... Esta é a base política para suas manobras de "diálogo" com o coronel Passarinho e outros.

Prestes condena o que chama de "aventureirismo esquerdista", mas continua tendo em vista que as lutas populares devem ser pacíficas. Como se pode concluir, êle não mudou nada após 1964. Propõe-se a derrotar a ditadura, mas não dá uma única palavra sôbre a necessidade de destruir o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas ligados aos monopolistas ianques.

O velho politiqueiro reconhece que a luta para abrir caminho para sua linha oportunista "foi bastante dificultada". Só que atribui essas dificuldades à "atitude dos dirigentes do Partido Comunista da China que têm a tola ilusão de pretender cindir nosso Partido ou impor-lhe uma orientação contrária aos interêsses de nosso povo". Esta é mais uma vil calúnia do antigo admirador das teorias reformistas de Browder aos camaradas chineses e aos revolucionários brasileiros.

O que tem sido difícil para Prestes é a imposição de sua orientação revisionista. É sabido que, desde o início, os comunistas que se mantiveram fiéis ao marxismo-leninismo combateram suas teses revisionistas. Sobretudo após o XX Congresso do PCUS e o revigoramento da corrente oportunista dentro do Partido, os marxistas-leninistas atacaram duramente a orientação errônea de Prestes e de seus amigos. Desmascararam firmemente as posições capitulacionistas e traidoras de Agildo Barata e seu bando. Continuaram não dando tréguas na luta ideológica quando Prestes e seu grupo a elas aderiram. Evidentemente, as concepções revisionistas não surgiram de uma só vez no Partido. Tampouco as concepções dos que a elas se opunham surgiram prontas e acabadas. Foi todo um longo processo de luta, de debates, inclusive públicos, que, iniciados em 1956, tiveram seu ponto alto no V Congresso, em 1960. Ficaram, então, bastante níticas as posições para que Prestes tente agora baralhá-las. De um lado, agruparam-se os militantes e dirigentes que preconizavam a necessidade de se realizar no país uma autêntica revolução, nacional e democrática, que levasse à liquidação do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas estrangeiros, sobretudo americanos. Compreendiam que mudanças de tal ordem só podiam se dar pela via revolucionária, armada, e que a frente única que as sustentassem, necessariamente, teria que estar sob a direção da classe operária em aliança com as grandes massas camponesas. De outro, enfileiravam-se Prestes e seus seguidores, que pugnavam pela instauração de sucessivos governos nacionalistas burgueses, nos quadros do atual regime. Tais "reformas de estrutura" poderiam — segundo seus partidários - realizar-se por via pacífica e

(Continua)

Revisionista e caluniador (continuação da pag. 7)

A cristalização de tais posições políticas e ideológicas em 1960 e as posteriores providências adotadas pelos dirigentes revisionistas para liquidar o Partido do proletariado é que levaram os marxistas-leninistas a compreenderem que não podiam permanecer na mesma organização com os oportunistas. A rutura nos terrenos político e ideológico foi complementada em 1962 com o rompimento definitivo no terreno organico e a conseqüente reorganização do PC do Brasil. Sua orientação básica, aprovada na V Conferência Extraordinária e expressa no seu Manifesto-Programa, guarda continuidade e é desenvolvida na elaboração da linha partidária contida nos documentos "União dos Brasileiros para Salvar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista", "Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil" e outros.

Os fatos que levaram à cisão do velho Partido são públicos. À época em que se produziram, não eram suficientemente conhecidas as divergências que opunham, em escala mundial, os marxistas-leninistas aos novos revisionistas. Em tais condições, a experiência da luta anti-revisionista travada principalmente pelos camaradas chineses e albaneses teria sido de grande valia para os marxistas-leninistas brasileiros. Embora o revisionismo tenha caráter internacional, foram razões de ordem interna as que levaram, no fundamental, à cisão e à reorganização do PC do Brasil.

Prestes, evidentemente, não está esquecido dêsses acontecimentos. Ao que se sabe, sua memória é muito boa. Calunia o Partido Comunista da China e os revolucionários brasileiros para elevar sua cotação ante seus amos de Moscou e, também, para tentar justificar seus fracassos. Colecionador de derrotas, nada aprende com a vida. O seguidor da burguesia brasileira não tirou lições do golpe de 1964 e insiste teimosamente em suas posições oportunistas. Nem mesmo o fato de que grande número de dirigentes de seu Partido e a maioria dos militantes, após o fracasso de 1964, tenham com êle rompido, serve-lhe de advertencia. O PC do Brasil, que persiste na linha revolucionária, absorveu em suas fileiras a maioria daqueles camaradas honestos que ainda se encontravam equivocadamente no partido prestista.

Além de vil caluniador e oportunista, Prestes é um subjetivista incorrigível. Onde está o branco vê o preto. Considera que sua linha revisionista ganha terreno, quando os fatos indicam exatamente o contrário. Sua orientação fracassa por tôda parte e seu grupo perde prestígio entre as massas e se desagrega. Onde vê vitórias de seu agrupamento, justamente é onde êle experimenta derrotas. As ações de massas que se reiniciam no país não militam em favor das teses prestistas. O resultado da farsa eleitoral de novembro do ano passado é um dado importante. Enquanto os revisionistas a apoiaram e até indicaram candidatos, o povo voltou as costas à ditadura. Em expressiva maioria, os eleitores votaram em branco ou anularam seus votos. Repudiaram não só o govêrno mas, também, aquêles que, como Prestes, fingem opor-se aos militares no Poder. O que ganha impulso é a linha revolucionária. A idéia da luta armada, da guerra popular, atrai cada vez mais adeptos. E é para a preparação e o desencadeamento desta que se voltam as preocupações dos verdadeiros revolucionários que querem ver a Pátria livre dos imperialistas ianques, dos militares reacionários e dos fascistas, que batalham por um nôvo poder efetivamente popular e revolucionário.

MAIS DEMAGOGIA DA DITADURA

Ùltimamente muito se tem falado nos deficientes mentais. São realizados Congressos e reuniões, fala-se na assistência aos retardados mentais, na formação de técnicos especializados e são assinados convênios entre entidades públicas e privadas. Médici aparece em primeiras páginas dos jornais beijando paternalmente uma criança retardada. Seus ministros da Educação e da Saúde deitam falação sôbre o assunto.

Mas, na realidade, o que se tem feito pelos deficientes mentais no Brasil? Nada. Apenas descobriram-no como fonte de promoção e lucro e meio de propaganda para um govêrno que, ao invés de sanar o problema, o aprofunda cada vez mais. Não há escolas oficiais especializadas. As que existem, são particulares e cobram mensalidades exorbitantes (Cr$800,00 em média), atendendo sòmente a uma minoria de privilegiados. Nestas, a orientação educacional segue os figurinos pedagógicos ianques, se bem que piorados.

O mais grave, porém, é que as lesões cerebrais são causadas, em sua esmagadora maioria, pela desnutrição do organismo. A fome permanente, que atinge as gestantes e as crianças desde seu nascimento, é um flagelo social que atinge a maioria da população. Abordando parcialmente o problema, a Dra. Dalva Sayeg, da Coordenação de Proteção à Maternidade Infantil, da Guanabara, afirma que "existem no Brasil 8.234.358 crianças carentes do ponto de vista alimentar (40 por cento das crianças de zero a 6 anos) e quando elas chegam à escola (...) aquela carência já causou lesões cerebrais que poderão se transformar em sérias doenças mentais." (Jornal do Brasil - 25/8/71)

A ditadura só tem feito piorar as condições de alimentação da população. O govêrno não luta, portanto, para atender aos excepcionais; cria-os em maior quantidade.

A CRISE DO DÓLAR

Nos meados de agôsto rebentou finalmente a tão aguardada crise do dólar. O velho e arruinado edifício do capitalismo mundial está sofrendo terrível abalo e vai se desmoronando. Não há fôrças capazes de salvá-lo dêsse processo de decadência e liquidação. O Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, ao confessar pùblicamente a crise da moeda norte-americana, procurou porém apresentá-la como um fenômeno temporário provocado por especuladores internacionais. Para enfrentar a situação, adotou medidas tais como a da não conversibilidade do dólar em ouro, (conversibilidade resultante de um acôrdo com os outros grandes países capitalistas), a do congelamento de salários e preços pelo período de 3 meses (o congelamento dos vencimentos dos funcionários públicos irá até fevereiro), a da taxação de 10% sôbre a imensa maioria dos produtos de importação, a de descontos substanciais nos impostos sôbre alguns produtos industriais (automóveis, por exemplo), etc. Estas medidas foram pomposamente proclamadas como as mais audaciosas dos últimos 40 anos no terreno financeiro e estão sendo propagadas como a Nova Política Econômica de Nixon. Neste momento, tôda a máquina publicitária do imperialismo norte-americano está funcionando para convencer a opinião mundial de que a crise do dólar é passageira e o clima de confiança e prosperidade brevemente voltará.

Entretanto, os fatos estão se encarregando de mostrar que a situação do dólar não é fácil de ser resolvida e que também o número de ingênuos não é tão grande para acreditar que esta crise foi causada por especuladores.

Que significam, na prática, as decantadas medidas do presidente Nixon? Elas constituem, em primeiro lugar, um grosseiro calote de traficante velhaco nos seus parceiros europeus e japoneses. Depois, representam a intensificação do grau de exploração da classe operária e do povo americanos e maiores benefícios e lucros para os monopólios capitalistas. E, finalmente, faz mais pesada a espoliação dos países dependentes em seu comércio com os Estados Unidos. Numa palavra, Nixon resolveu aplicar, sob a aparência de tranqüila austeridade, a política de arrocho contra seu próprio povo e contra os demais povos a fim de salvar da falência seus patrões e recuperar para êles a capacidade de impor ao mundo a sonhada e impossível hegemonia do imperialismo norte-americano.

Na verdade, a economia norte-americana de há muito apresentava sintomas de crise. Os níveis do custo de vida e do desemprêgo chegaram quase aos da crise econômica de 1929, alastrando-se mais ainda a fome e a miséria. No plano financeiro, cresciam os déficits orçamentários. As reservas em ouro caíram verticalmente. Também se encontram em mãos de organizações oficiais e privadas estrangeiras cêrca de 50 bilhões de dólares, dinheiro que o Tesouro americano teria obrigatòriamente de resgatar, isto sem contar a grande quantidade de capitais norte-americanos aplicados no exterior. E se acrescentarmos a essas parcelas, as fabulosas despesas ocasionadas pela guerra de agressão na Indochina e pela política expansionista e guerreira dos governantes ianques, podemos fàcilmente concluir que as causas da presente crise do dólar estão no próprio sistema do capital monopolista e que as medidas de Nixon terão apenas o condão de ser mais uma tentativa para adiar a catástrofe.

Acumulam-se, por isso, negras nuvens nos horizontes dos países capitalistas e dependentes. Vivem todos êles num ambiente de sobressaltos e seus financistas procuram afanosamente meios e fórmulas para afastar o clima de incertezas e insegurança quanto ao futuro de suas moedas e de suas economias. Com efeito, as repercussões da política de Nixon foram sentidas de imediato nos principais competidores capitalistas dos Estados Unidos: os países do Mercado Comum Europeu e o Japão. Tornar-se-á mais aguda a concorrência entre êles pelos mercados e pelas esferas de influências e tenderão a se agravar as contradições interimperialistas, fato que vinham negando teimosamente alguns falsos teóricos marxistas. Acentuar-se-á igualmente a luta de classes dentro dos Estados Unidos e dos demais países capitalistas, pois a classe operária não se deixará tosquiar passivamente pelos tubarões do capitalismo. Enfim, vai acirrar-se ainda mais a contradição que opõe os países e povos oprimidos ao imperialismo, sobretudo ao imperialismo norte-americano.

Nessas condições, negar as conseqüências prejudiciais da política financeira de Nixon sôbre a economia brasileira, como fêz, em nome da ditadura militar, o ministro Delfin Netto, é o cúmulo do servilismo. O povo brasileiro, que suporta o tremendo pêso da espoliação dos trustes ianques, terá de pagar novas contribuições para "salvar" o dólar. Comprará mais caras as mercadorias importadas dos Estados Unidos e venderá mais barato os seus produtos remetidos para o mercado norte-americano. Petróleo, trigo e outros artigos essenciais elevar-se-ão a preços abusivos ao passo que o café (como já vem acontecendo) e outros produtos cairão a preços vis. As próprias reservas de dólares que a ditadura diz ter acumulado ùltimamente já sofreram desvalorização.

A crise do dólar e do sistema monetário internacional do capitalismo prova de modo irrefutável que estão mais que maduras as condições para a nossa libertação do jugo imperialista para que o povo brasileiro construa seu futuro e seu bem-estar sôbre uma base econômica independente. As fôrças populares e revolucionárias devem, pois, compreender como [illegible] favoráveis as condições para tornar realidade as tarefas democrá-

DIRIGENTE COMUNISTA BRASILEIRO VISITA A R.P. DA ALBANIA

A convite do Comitê Central do PTA, visitou recentemente a República Popular da Albânia o camarada Pedro Pomar, dirigente do Partido Comunista do Brasil.

As conversações mantidas entre o camarada Pomar e os dirigentes albaneses sôbre a situação internacional, sôbre o movimento comunista mundial e outros problemas de interêsse comum, revelaram a completa unidade de pontos-de-vista entre o PTA e o PC do Brasil e transcorreram num clima de internacionalismo proletário e fraternidade revolucionária.

De parte do PTA, participaram das conversações os camaradas Hysni Kapo e Ramiz Alia, membros do Birô Político e do Secretariado do CC, o camarada Berard Styla, membro do CC, e o camarada Piro Bita, chefe do Departamento de Relações Exteriores do Comitê Central.

Durante sua permanência na Albânia, o camarada Pomar visitou centros de trabalho e empresas industriais. Entrevistou-se com operários, cooperativistas e outros trabalhadores, conheceu a vida e o trabalho do povo albanês bem como os grandiosos êxitos da construção socialista. Em nome das fôrças revolucionárias e dos comunistas brasileiros, expressou agradecimentos pela acolhida carinhosa e exaltou a solidariedade e a amizade de combate que unem os dois povos e os dois partidos marxistas-leninistas.

CRESCE A ESPOLIAÇÃO IMPERIALISTA DO BRASIL

Em comemoração à data da Independência do Brasil, a revista "Veja" publicou reportagem laudatória da política econômico-financeira da ditadura. No entanto, fornece também dados sôbre a espoliação do país por parte dos monopólios estrangeiros, embora êsse possa não ter sido o objetivo da matéria.

Tomemos só alguns dados, após 1964, quando se acentuou a exploração estrangeira. Nêsse ano, os investimentos diretos não chegaram à casa dos 30 milhões de dólares, mas foram remetidos como lucros 58 milhões de dólares. Tal proporção foi mais ou menos mantida nos demais anos. Em 1968, por exemplo, entraram cêrca de 60 milhões de dólares e saíram, em forma de lucros, 130 milhões. No ano passado, para um investimento direto de 103 milhões de dólares, os monopólios americanos receberam em casa 119 milhões. Isso tudo, segundo dados do Banco Central. Não estão incluídos os dólares remetidos clandestinamente nem as reinversões de capital, que constituem lucros obtidos à custa da exploração do povo brasileiro.

Êsses números, no entanto, não expressam tôda a descapitalização de que o país foi vítima por parte dos imperialistas ianques. Somas iguais às remetidas como lucros foram expatriadas como pagamentos de "know-how" e "royalties".

Entre as 500 maiores sociedades anônimas do país predominam sem contestação as de capital estrangeiro. Estas controlam majoritàriamente a indústria farmacêutica, de veículos e acessórios, de produtos elétricos, de produtos químicos, a mecânica e de equipamentos e têm particular pêso nas industrias metalúrgica, de têxteis e do vestuário. Apenas nos ramos de petróleo e derivados e no de mineração e siderurgia as emprêsas estatais têm mais pêso.

Apesar de tudo isso, o entreguista Delfin Netto continua a elogiar o papel do capital estrangeiro no "progresso" do Brasil.

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Tirana: Emissões de uma hora de duração:
- Às 20:00 e 22:00 h - Ondas Curtas de 31 e 42 m
Emissões de meia hora de duração:
- Às 4:00 e 18:30 h - Ondad Curtas de 31 e 49 m
- Às 7:00 h - Ondas Curtas de 25 e 31 m

Rádio Pequim: Emissoes de uma hora de duração:
- Às 19:00 h - Ondas Curtas de 30, 41 e 48 m
- Às 21:00 h - Ondas Curtas de 25, 30 e 47 m